

VI Colóquio Internacional

“Educação e Contemporaneidade”



São Cristovão-SE/Brasil
20 a 22 de setembro de 2012

ANANSE: EDUCAÇÃO, SOCIEDADE e PRÁXIS PEDAGÓGICA.

Adilbênia Freire Machadoⁱ

Eixo Temático: Educação, Sociedade e Práticas Educativas.

RESUMO: O artigo encontra-se emaranhado nas teias de Ananse, com todo o seu desejo de conhecimento. A escolha é pensar, criar, produzir desde a cosmovisão africana, onde a educação aparece como uma inversão de paradigmas, pois se pensa desde seu repertório cultural, desde os processos dinâmicos, inclusivos e criativos, onde se entende o conhecimento atrelado ao cotidiano, à família e à comunidade. Propõe-se uma práxis pedagógica que prima por um modo outro de educar / aprender / ensinar, onde a escolha pela vivência privilegia o sentir de corpo inteiro. Práxis aliada com as relações sociais, políticas, econômicas e afetivas, impulsionando uma sociedade outra. Ananse traz um modelo de educação que objetiva criar “a alegria de pensar”.

Palavras-Chave: Ananse, Cosmovisão Africana, Educação.

RESUMEN: El artículo está enredado en las redes de Ananse, con todo su deseo de conocimiento. La elección es para pensar, crear, producir a partir de la visión del mundo africano, donde la educación aparece como un cambio de paradigmas, porque piensan desde su repertorio cultural, a partir de la dinámica, integradora y creativa, que se entiende el conocimiento vinculado a la vida cotidiana, la familia y la comunidad. Se propone una praxis educativa de prensa de una manera de educar a otros / aprender / enseñar, donde la elección de vida favorece la sensación de todo el cuerpo. Praxis se alió con el contexto social, político, económico y afectivo, conduciendo una otra sociedad. Ananse ofrece un modelo de educación que tiene como objetivo crear "la alegría de pensar".

Palabras-clave: Ananse, África Cosmovisión, Educación.

Um conto para provocar a “alegria do pensar”:

Conta uma história africana que certa vez Kwakuⁱⁱ Ananse estava sentado a contemplar o sol, pensando nas suas proezas, quando se sentiu extremamente vaidoso por ser tão inteligente.

Sorrindo, falou para si mesmo:

- Realmente, sou muito esperto. Não acredito que haja alguém mais inteligente do que eu!

Mas, no mesmo instante, veio-lhe uma dúvida e Ananse ficou preocupado:

- É certo que sou inteligente, mas existem tantos povos diferentes...

Eu posso não ser o mais sábio de todos... Pode haver alguém mais sábio do que eu!

Isso o incomodou muito e, depois de refletir um pouco, Ananse teve uma ideia:

- Ah, ah, ah, grande Ananse, só você mesmo para ter essa ideia!

Já sei o que vou fazer, já sei! E concluiu satisfeito:

- Vou sair pelo mundo pedindo um pouco de sabedoria a cada pessoa que encontrar pelo caminho. Coloco tudo dentro de uma grande cabaça e então certamente eu serei o mais sábio de todos!

(...) Não demorou para que a cabaça de Ananse transbordasse de sabedoria.
 (...) Vou esconder a sabedoria na copa desta árvore e nunca terei de me preocupar com os ladrões que possam querer roubá-la de mim! Ananse foi até a árvore para escalá-la... Sem perder tempo, começou a escalar a árvore. Entretanto, a grande cabaça, completamente cheia de sabedoria, não permitia que ele subisse. Tentou e tentou inúmeras vezes, mas nada conseguiu. Naquele momento, apareceu o filho mais novo de Ananse. Vendo seu pai naquela luta para atingir a copa da árvore, aproximou-se e perguntou:
 - Meu pai, o que faz aí tentando subir nessa árvore?
 Ananse respondeu:
 - Eu vou tentar escalá-la para guardar na sua copa esta grande cabaça, que está cheia de sabedoria!
 E seu filho falou:
 - Mas, meu pai, não seria muito mais fácil se você amarrasse a cabaça nas costas, em vez de amarrá-la na barriga?
 Dessa maneira as pernas ficariam livres para escalar a árvore!
 Ao ouvir aquilo, Ananse sentou-se e ficou em silêncio por algum tempo...
 (...) Ananse desamarrou a cabaça da barriga e novamente a amarrou nas costas, subindo tranquilamente na árvore e resolvendo seu grande problema.
 Ao alcançar a copa da árvore, gritou para os ventos:
 - Andei e andei por toda parte coletando sabedoria e acreditava ser a pessoa mais sábia de todas! Mas hoje vi que meu filho, que ainda é criança, é mais sábio do que eu. Hoje aprendi uma valiosa lição: que sempre haverá alguém mais sábio que nós e sempre poderemos aprender muito com isso!
 Então Ananse levantou a grande cabaça e, virando-a, derramou toda a sabedoria, que, carregada pelos ventos, espalhou-se pelos lugares mais distantes da Terra...
 Miranda, 2008.

Educação e Sociedade

O texto aqui apresentado está emaranhado nas teias de Ananse. Com todo o seu desejo de conhecer, com toda complexidade própria do conhecer... teias que buscam agregar, festejar a vida e o que constitui o próprio existir, o educar / aprender, pois “ a educação aprende com o homem a continuar o trabalho da vida”(BRANDÃO, 2007, p.13).

Educar é promover o desenvolvimento ético, moral, cognitivo, físico e emocional, é instruir o indivíduo para a vida. O conhecimento é um acontecimento empírico, fruto das experiências que criam e re-criam o evento do próprio viver/existir. É fruto das experiências que valorizam as diferentes culturas, re-conhecendo seus valores e grandiosidade, assim como seus autores, pois “Se a historia não e feita pelos historiadores, mas pela sociedade, do mesmo modo, a elaboração científica não se deve unicamente aos cientistas, mas ao conjunto da coletividade.” (MAZRUI, Ali; AJAYI, J.I. 2010, p.761).

Sabemos que o ato de criar e re-criar são funções da educação, da qual não escapulimos, pois a encontramos “em casa, na rua (...) de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, ensinar, para aprender-e-ensinar”

(BRANDÃO, 2007, p. 7). A educação emaranhada nos acontecimentos da vida relaciona-se ao contexto, às singularidades dos diferentes mundos, desse modo existem diversas formas, diversos modelos de educação, pois existem características de outras culturas que nos parece incompreensível, causando espanto e até indignação, é “a coisa que o conhecimento não pode comer” (SOMÉ, 2003, p.9) e precisamos aprender a respeitar tais singularidades. Na educação tradicional africana

o ensinamento não é sistemático, mas ligado às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança (BÂ, 2003, p. 183).

A citação acima nos leva ao enunciado de Paulo Freire onde ele afirma que “Ensinar não é *transferir conhecimento*ⁱⁱⁱ, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (1996, p.12)”. Educar é promover o desenvolvimento humano e a educação escolar é um espaço sócio-cultural, uma instituição que tem a responsabilidade do trato pedagógico do conhecimento e da cultura. **Para a educação a sociedade e a escola são espaços de conflitos, além de construtores sociais, que envolvem os aspectos políticos, econômicos, socioculturais, além de raciais.**

Para a transformação da nossa realidade é imprescindível a articulação entre educação, cidadania e etnia^{iv}, ou seja, uma articulação das diferentes etnias e culturas, da diversidade que torna esse mundo universalizado, sabendo-se que a etnia é transversal à educação e à cidadania. É indispensável conversas entre as diferentes etnias e culturas que nos forma, promovendo, então, aquisição de conhecimento que é levado para além das paredes da escola, proporcionando o diálogo entre o pensamento crítico, a imaginação e a realidade, formando sujeitos críticos e comprometidos com a transformação da realidade social do nosso país. Educação é um processo de aprendizagem contínua, dinâmica e diversa, é espaço de produção de conhecimento, além de ser um direito social, como nos aponta FREIRE (1987, p.62):

a educação se faz uma tarefa altamente importante, uma vez que deve ajudar o homem a ajudar-se, colocando-o numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Para tanto, é absolutamente indispensável à humanização do homem [...] não poderia ser feito nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção.

Compreende-se então que quanto mais consciente for o homem, quanto mais consciente for o modo como ele faz sua história, maior será a sua capacidade perceptiva,

assim como a sua lucidez em relação às dificuldades a serem enfrentadas, seja no domínio social, econômico e ou cultural. Caminhando, assim, para a resolução dos problemas de uma forma sólida e eficaz.

África na história do Brasil:

Na escola aprendemos a história da África a partir do período colonial (1500 – 1822) apresentando os negros escravizados trazidos para o Brasil como força de produção, força motriz para o comércio. É uma história onde o negro não tem voz, é coadjuvante numa narrativa que privilegia e coloca como centro o europeu. Ou seja, o que vemos nos bancos escolares não corresponde à verdadeira história da África, é uma história contada pelo estrangeiro, além de narrada desde um ponto de vista excludente do europeu, este que se coloca como referência para o mundo. A história dos afrobrasileiros não foge a essa regra, durante séculos a população negra, afrodescendente, foi invisibilizada não apenas nos bancos acadêmicos, mas também na educação básica.

Objetivando mudar essa realidade, em 09 de janeiro de 2003, sanciona-se a lei nº 10.639 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional para a inclusão no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”, a obrigatoriedade do estudo da História da África, dos africanos e seus descendentes, da luta dos negros no Brasil, assim como o papel preponderante da cultura africana na formação da nossa sociedade, nas áreas sociais, política e econômica. Dessa forma, fortalecer e reconhecer as contribuições do negro à sociedade brasileira, além de re-conhecer nossas origens e formação.

A lei afirma ainda que esse conteúdo deve ser ministrado em todo o currículo, especialmente nas áreas de História, Literatura e Educação Artística. Configurando-se como um instrumento questionador do sistema da educação que vigora, colocando em xeque as construções ideológicas de dominação fundadoras da sociedade brasileira, abrindo possibilidades de rompimento com a preponderância do paradigma eurocêntrico^v na educação. Implica numa ampla modificação (que se deseja transformadora) curricular dos cursos de formação dos profissionais da educação. Pensa a construção de uma escola plural, de qualidade, democrática, que combate o racismo, o preconceito e toda e qualquer forma de discriminação. Escola que respeita e valoriza as singularidades, essas que são responsáveis pela riqueza cultural do nosso país e daqueles que nos formaram. Reconhece a tradição como fundamental para transmissão dos saberes, sabendo que tal tradição não é estática, mas conservação que tem no próprio movimento do tempo e do espaço o seu combustível.

É necessário pensar um currículo onde a educação escolar atue valorizando e ensinando a história da África, começando pelo período Pré-Colonial, passando pela história da resistência do negro à escravidão, assim como suas diversas manifestações culturais, além da história e cultura afrobrasileira, promovendo assim uma educação que pensa e promove as relações étnicorraciais, educação que promove uma comunidade / sociedade justa, que valoriza e respeita o outro, que permite a afirmação da identidade e dos valores, não podemos esquecer que a educação tem papel fundamental para e na formação das identidades. É imperativo fazer a relação da história da África com a história do Brasil e com a história do lugar onde vivemos, trazer a história “antiga” para compreensão da história atual, atualizar o passado e fortalecer o presente.

Deste modo, a implementação da lei constitui uma ferramenta indispensável na luta contra as desigualdades raciais, objetivando a democratização da educação, garantindo direito à diferença e levando ao enfrentamento do desafio de implementação de uma visão voltada à superação das desigualdades sociais e raciais, a superação da negação da nossa genealogia, pois em todas as manifestações da sociedade brasileira a continuidade da tradição africana é presente, renovando-se dinamicamente. OLIVEIRA aponta que:

A herança da cosmovisão africana altera a discussão sobre a identidade brasileira. Com efeito, os afrodescendentes foram alijados de sua terra de origem, por um lado, e menosprezados em suas terras de ocupação, por outro. Negados ontologicamente em qualquer parte do mundo, suas culturas foram rotuladas como atrasadas, animistas, folclóricas, bárbaras, primitivas, o que evidencia o racismo a que foram historicamente submetidas a população africana e seus descendentes (2006, p.18).

Na busca de anulação dessa negação ontológica, de transformação de perspectivas que inferiorizam as culturas africanas e afrodescendentes, décadas de mobilização social e ação do movimento negro^{vi} e de intelectuais envolvidos numa política anti-racista e transformadora da realidade do povo negro, empenhados em promover uma educação comprometida com uma visão de mundo própria da cosmovisão africana, numa mudança nas diretrizes da política de educação e no currículo, resulta, dentre outras conquistas, na lei 10.639.

A aprovação dessa lei gera, nos meios escolares e acadêmicos, inquietações e dúvidas, pois a cultura escolar brasileira nunca fora direcionada a pensar o Brasil desde povos étnicos diferenciados. É o desafio de difundir num tempo limitado uma infinidade de conhecimentos multidisciplinares sobre a cosmovisão africana. É conhecer, aprofundar e então repassar o conhecimento sobre as civilizações e as culturas africanas, antes, durante e depois das colonizações que condenaram aquele continente miséria e opressão. Porém, não foram capazes de apagar o brilho e a alta capacidade de produção, transformação, resignificação dos

valores e inversão dos paradigmas, desse continente e seus descendentes, primando sempre pelo bem estar da comunidade, pela inclusão contínua do outro.

O Brasil foi enormemente beneficiado pelo tráfico negreiro transatlântico, aparecendo como aquele que oferece maior diversidade de experiências de africanidades em todas as suas regiões, de norte a sul, de leste a oeste. Como diz o filósofo camaronês Nkolo Foé (2010) “o sangue do Continente Negro irriga as veias do Brasil; o rosto do povo brasileiro imprime o rótulo do sofrimento da África; a mente do povo brasileiro coloca as lembranças das religiões, das culturas, das organizações sociais da África”^{vii}. É evidente a impossibilidade de negação da relação direta entre África e Brasil. Foi a África que formou o nosso povo e boa parte do nosso corpo, como diz SOUZA (2007, p.07) “esses negros deram origem à mestiçagem que amorenou a nossa pele, alongou nossa silhueta, encrespou nossos cabelos e nos conferiu a originalidade de gestos macios e andar requebrados”.

Ver-se nitidamente que o negro africano e suas diversas línguas transformaram não apenas o português existente no Brasil, mas também a estética, a culinária, os costumes, os valores e princípios éticos, além da religião. Infinitas influências que persistem nos transformando na maior população afrodescendente concentrada fora do continente africano. Conhecer a África é mister para se compreender o Brasil, não dá para pensar nossa realidade social sem pensar nossa realidade racial, nossa herança africana. Desde que aqui chegaram, os africanos trouxeram consigo o seu modo de interpretar a realidade, seu modo de vida, herança esta que exerceu papel preponderante na construção da brasilidade que tanto tem de africanidade, pois como bem expõe OLIVEIRA:

A brasilidade, em muito é tributária da africanidade. As africanidades re-desenham e re-definem a identidade nacional e, com isso, o projeto político, econômico e social brasileiro. Ainda que o discurso político e acadêmico tenha excluído, durante séculos, a experiência africana no Brasil, sua influência não deixou de exercer papel fundamental na construção do país. Chegou o tempo de ouvir quem foi calado (2006, p.18).

Chegou^{viii} a hora de ultrapassar as barreiras das imagens que constituem nosso imaginário sobre os países africanos e seus descendentes, imagens essas formadas por estereótipos reproduzidos intensamente desde o período colonial, é hora de “conhecer” a verdadeira história daqueles que por muito tempo foram calados. É momento para se conhecer os africanos e afrodescendentes como construtores de epistemologias, realizadores de mitologias que permitem a organização de pensamento sistemático e filosófico, é mais que chegada a hora de conhecer a realidade diversa e enriquecedora do continente africano, suas grandes conquistas e sua grande capacidade produtora de conhecimentos diversos^{ix}.

Conhecer a história e cultura africana é um processo contínuo, é sempre movimento, não para, é um processo criativo e livre, é da ordem do acontecimento. Pensar uma história e cultura africana é refletir desde os valores africanos, assim sendo temos que nos habituar a pensar em movimento, valorizando e trabalhando com a diversidade cultural, compreendendo como se dá o processo da cosmovisão africana no Brasil. Entrelaçamento, danças, onde palavra e escrita se encontram e de suas contradições se faz dança, envolvendo assim o corpo e os acontecimentos do cotidiano, pois:

Longe de serem opostas, a fala e a escrita são entrelaçadas, tecidos diferentes do mesmo cachecol. Palavra, linguagem. Cada uma tem, sim, detalhes próprios, mas são como um casal de amantes que se relacionam, dando soltura para suas personalidades. Se são contraditórias, se apresentam diferenças nítidas, se abrem horizontes e sol de chuva, cada uma com sua pegada vai também encaminhando a outra. Talvez, entre as diferenças surjam rojões e sussurros que demonstrem o quanto cada universo, do papel ou da escuta, tem de seu, de só seu. E essas diferenças estão no chão da caminhada, propiciando força, oferecendo base para os calcanhares das artes e dos ofícios verbais, dando assentamento ou até cansando o corpo nas expressões desaprumadas (ROSA, 2009, p.90).

Educação Africana e Afrodescendente

Educação para o povo africano e afrobrasileiro é uma inversão de paradigma. Pensar uma educação desde o repertório cultural originário da África é pensar processos dinâmicos, inclusivos, além de criativos, é entender o conhecimento como sabedoria atrelada ao cotidiano, à família, à comunidade e à natureza. É um modo diferenciado de ensinar, pois na África:

a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores (...). São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles (BÂ, p. 183).

Assim se constitui, também, a educação afrodescendente, no Brasil, desenvolve uma pedagogia em diálogo com nossa origem, que se encontra determinada na experiência africana. Exige o reconhecimento das origens, assim como a saída do emaranhado que impõe que as idéias pedagógicas estudadas em nosso país tenham suas raízes no ocidente, excluindo nossos próprios valores e conhecimentos, desconhecendo uma educação fundada na visão de mundo, na forma de pensar e educar desde nossa própria cultura. Educação africana e afrodescendente implica no resignificar o olhar, numa educação que prima pelo reconhecimento do outro, Allan da Rosa nos chama atenção para isso ao afirmar que:

Para nos aceitarmos e para que o “outro” seja fonte de conhecimento e de vida, não um alvo de desprezo e de medo, válvula de escape para culpas e

desequilíbrios históricos, carecemos nos soltar de modelos etnocêntricos que inundam nossa formação escolar, nossa exposição midiática, nosso dia-a-dia nas ruas e instituições (ROSA, 2009, p.177).

Para sairmos dessa cilada o autor propõe mudanças, as tais mudanças de paradigmas, tarefa simples, mas que provocam mudanças essenciais para a realidade atual, o autor nos diz que:

Podemos mudar esse patamar de desentendimento e intolerância buscando compreender as diferenças, sem que estas passem por princípios pejorativos e depreciativos, procurando nos elementos simbólicos que envolvem a diferença, o reconhecimento da imensa variedade, da multiplicidade, que habita cada ser, cada cultura, filosofia comunitária ou modo de vida. Encontrar as dimensões de semelhança que gingham entre o igual e o diferente. Esta solidariedade na convivência, esta encruzilhada, esta trança, pode ser trabalhada por uma educação que busque na poesia e na ciência dos símbolos uma contribuição para o fim de grades de discriminação poderosas, vigorosamente assentadas. (Idem)

Encruzilhada do Educar / Educar-se: o Ensinar / Aprender, a Práxis Pedagógica.

Como já fora dito, o educar é uma ação para a vida, estando relacionado com a cultura, assim como com o conhecimento e as ações políticas que nos implica. Precisamos de um modelo educacional que tenha a capacidade de contemplar a diversidade da nossa cultura, assim como nossa influência africana, é esta que tem como princípio o cotidiano atrelado à ciência. “A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante toda a vida. A própria vida era educação (BÂ, 2003, p.200)”. Desse modo, a educação se prima por um acontecer contínuo, como diz o provérbio africano “Todos os dias o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu (idem)”.

É de fundamental importância garantir o direito, independente de classe social e etnia, a todas as pessoas de ter uma escola com uma educação de qualidade, pois “é na escola onde as diferentes presenças se encontram e é nas discussões sobre o currículo onde estão os debates sobre os conhecimentos escolares, os procedimentos pedagógicos, as relações sociais, os valores e as identidades dos alunos e alunas.”^x Daí a escola ser um espaço que deve ser “revisto”, reavaliado e então incorporado como espaço de aprendizagem contínua e valorização da diversidade^{xi}, onde esta é, realmente, valorizada e não apenas um discurso.

Posto sermos a maior população afrodescendente porque não educar desde África? Por que não educar desde os valores africanos? A educação deve convergir para a formação de cidadãos que têm orgulho do seu pertencimento étnicorracial, tem sua identidade valorizada e seus direitos garantidos. Diferença é riqueza! Temos que “murmurar juntos” (ACHEBE, 1983, p.138). Pois, enquanto seres humanos, somos limitados, precisamos do outro para

existir, assim “ao educar crianças, precisamos, definitivamente, do apoio de outras pessoas. É como dizemos: ‘é preciso uma aldeia inteira para manter os pais sãos’” (SOMÉ, 2003, p.44).

Ainda que adultos, continuamos incapazes de vivermos sozinhos, por isso a importância de valorizar nossa cultura, o espaço onde vivemos e somos, como diz SOMÉ (2003, p.35) “a comunidade (...) é onde as pessoas se reúnem para realizar um objetivo específico, para ajudar os outros a realizarem seu propósito e para cuidar uma das outras (...) é a base na qual as pessoas vão compartilhar seus dons e recebem as dádivas dos outros”. Somos “pedacinhos de alteridade” (OLIVEIRA, 2007, p.5) e “envolvemos pedaços da vida” com a educação, assim nossos pedacinhos de alteridade estão completamente envolvidos no aprender / educar. Ora, a educação está atrelada à nossa origem e ao lugar onde vivemos / estamos, e “quando você não tem comunidade, não é ouvido; não tem um lugar em que possa ir e sentir que realmente pertence a ele, não tem pessoas para afirmar quem você é e ajudá-lo a expressar seus dons. Essa carência enfraquece a psique” (SOMÉ, 2003, p.35). Isso nos mostra como se deve ter um cuidado com a educação escolar, pois é imprescindível o respeito às singularidades de todos, é preciso re-conhecer as origens, re-conhecer nossa ancestralidade. Pois, “estamos no mundo para nos ajudar mutuamente, com ensinamentos positivos, compreensão, amor próprio e ao outro” (PETROVICH; MACHADO, 2004, p.8).

A educação atrelada ao cotidiano, à comunidade, é o de dentro, o de fora, dentro de olhares diferenciados, inclusivos, é a encruzilhada própria da arte de viver. Não se pode pensar a realidade fora, de modo independente das tradições e da cultura do local onde estamos inseridos, imersos, deslocado de nossas origens. O não re-conhecimento incorre no risco de continuar a folclorização da cultura negra e assim trazer abordagens superficiais da cosmovisão africana, sabendo que educar desde essa cosmovisão é diferenciado dos padrões ocidentais e dominante, é um modo diferenciado porque a relação com o corpo e a valorização da cultura / comunidade / ancestralidade é diferente do pensamento ocidental, como já fora exposto anteriormente, pois:

A cultura negra é uma cultura de iniciação e o saber iniciático, ao transmitir-se pelos mais velhos, difere da abstração do conceito porque é plenamente uma força viva (...). O Mestre não *ensina*, ele inicia, cria condições para a aprendizagem que inclui o indeterminado, apresenta repertórios gestuais e objetuais até mesmo limitados, mas que se formam em combinatórias absolutamente abertas. Sair de si e entrar em si, iniciação aos segredos do mundo. Experiência é iniciação. E a cultura afro-brasileira é uma cultura de Experiência, de liberdade de ação, de presença de mobilidade e de proposta de troca, de penetração nas formas e ritmos (ROSA, 2009, p.86).

Desse modo, a educação proposta prima por outra práxis pedagógica, um modo outro de educar / aprender / ensinar, onde a escolha é pela vivência e essa privilegia o sentir de

corpo inteiro, com os cinco sentidos, com uma razão que não exclui a emoção, onde esse sentir apropria-se dos ensinamentos próprio da ancestralidade, essa força viva que exprime experiência, re-conhecimento, vivência, tradição.

A Ancestralidade é uma raiz sentimental, sentimento de pertencimento que cria, re-cria, atualizando-se na universalidade, a partir de um contexto, manifestando-se nos costumes e nas tradições, com grande aporte na memória grupal e individual, manifestações materiais e imateriais, especialmente no seu fortalecimento pela identidade e preservação, pela integração e sua cultura. É a ancestralidade que rege a lógica da cultura tradicional africana, traz sempre novidades, pois aprender, conhecer a sabedoria dos antigos é sempre atualizar o conhecimento. Conhecimento este que tem na oralidade um importante instrumento metodológico para reconstituição e continuidade da história local, dispositivo essencial para a conservação da tradição, dos mitos, das lendas e é por meio dessa oralidade que a palavra se faz elemento produtor da história, formador da essência da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe. Está impregnada em todas as atividades do homem, no seu cotidiano, é uma categoria de relação, por isso mesmo é alteridade.

A oralidade é um aspecto essencial para a conservação da tradição, dos mitos e das lendas, é por meio dessa oralidade que a palavra se faz como elemento produtor da história, elemento formador da essência da comunidade, do indivíduo e de tudo que existe, é uma força que deve ser potencializada no ensino da cultura africana e afrobrasileira. Não é negação da escrita, é afirmação da autonomia relacional de comunicação, de contato com o que está a nossa volta, afirmação da independência que do que é imposto por uma cultura estrangeira.

“Esteja à escuta’, dizia-se na velha África, ‘tudo fala, tudo é palavra, tudo procura nos comunicar um conhecimento’” (BÂ, 2003, p.31). E assim é o Griot que chega com seu cajado, cantando, dançando para contar histórias, ensinar vida, dedicando-se a “coletar” narrativas, é um mestre da transmissão oral, um viajante incansável encarregado de guardar na memória os acontecimentos, a memória coletiva do grupo, conta cada história a atualizando em cada lugar por onde passa, falando desde dentro, desde o espaço em que se encontra. A oralidade é, então, a grande escola da vida, pois “a base da forma do pensamento africano e do agir de suas sociedades, encontra-se nos seus valores culturais que integram e definem essas sociedade, é através das histórias contadas de geração a geração que se conserva a sabedoria e o conhecimento” (MACHADO, 2012b, p.205).

Assim, o griot é um personagem fundamental da realidade africana, é um dom/atividade passado de pai para filho, de geração a geração, transmitindo as histórias que constituem o universo africano. São músicos, cantores, sábios itinerantes, responsáveis pela

continuidade da oralidade africana, é história viva que guarda na memória os ensinamentos. Ele também é um canto solitário, um espião que observa, escuta... que embaixo de um Baobá leva toda a beleza e vivacidade da oralidade. Em “Amkoulel, O menino fula”, Hampatê BÂ apresenta o griot assim:

Exibia-se não apenas para distrair a população e muito menos para tirar algum proveito, porque o que apresentava não era o que se pode chamar exatamente de profano. Suas danças eram rituais, seus cantos, muitas vezes inspirados e as sessões, sempre ricas de ensinamentos. (BÂ, 2008, p.140)

Desse modo, a oralidade aparece como uma subversão constante, pois é contingencial, é dinâmica e por ser dinâmica supõe interação e assim, a voz, a pausa, o silêncio, adquirem grande significado, assim como o próprio corpo, os sons da natureza e a participação de quem ouve. É um mistério embalado na doçura do por vir... do que foi e do que será. A finalidade é a transmissão do saber, ensinamentos que dizem respeito ao comportamento e a ética, representando modelos de conduta, concentrando a ética de uma comunidade, apreendendo o que há de mais importante nessa comunidade e que deve ser seguido,

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocução-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra (VANSINA, 2010, p.139).

Assim, essa arte de contar e narrar história mantêm-se atuante. Os mitos, os contos, as histórias narradas têm um caráter pedagógico e nessa cultura oral não se separa ciência de arte, política de religião, pois tudo está em tudo, tudo é o todo, tudo é movimento. Pensa-se sempre o conjunto, o universo, pois cada um é universo já que dele faz parte.

A (in)conclusão de quem se pensa/deseja educador/aprendiz.

Ao final percebemos que uma outra práxis pedagógica se faz na continuidade do cotidiano que vivemos, práxis essa que pensa numa educação não diferenciada das vivências, existe um provérbio africano que diz que “o conhecimento não distingue raça nem ‘porta paterna’ (o clã). Ele enobrece o homem”. Nesse cotidiano, tudo é vivência e condição para aprendizado, nos remetemos a SODRÉ quando ele nos traz a concepção de que o indivíduo percebe o que o cerca a partir de si mesmo (2005, p.68), conhecer-se depende do outro, daquele que não é nós, conhecer-se prescinde de conhecer nossa origem, nossa ancestralidade.

O nosso personagem Ananse aprendeu com a vivência / experiência e com as singularidades do caminho percorrido para adquirir conhecimento, tecendo aprendizados, propondo uma práxis pedagógica atrelada nas teias dos ensinamentos que tem a ancestralidade como guia e assim o re-conhecimento da nossa origem, valorização das nossas

tradições, nossa diversidade, singularidades, práxis incorporadas de simbologias, onde o corpo, a emoção e as sensações estão entrelaçadas no ensinar / aprender / educar.

Portanto, façamos perguntas, roubemos sabedoria, toda ela, e ainda assim não seremos o mais sábio, pois sempre se pode aprender mais. Tenhamos então a práxis pedagógica como uma aliada para nossas relações sociais, políticas, econômicas e afetivas, práticas inclusivas e desprovidas de preconceitos raciais e sociais, pois o conhecimento independe de cor, classe social, religião, etc. Busquemos, provoquemos uma educação para a formação crítica do homem, habilitando-o para a vida e para a cidadania, onde a relação desse homem com o mundo dar-se por meio de uma participação efetiva e não apenas por utilização / **usurpação** deste mundo, pois tal utilização provoca todas as cenas, que estamos assistindo, de devastação não apenas da natureza, mas também do próprio homem.

Busquemos um modelo educacional que contempla a diversidade do nosso país, arquétipo que contempla, valoriza, exalta, pois re-conhece, além de superar esse modelo eurocêntrico de ensino e conhecimento monocultural. Supera, promovendo uma relação do conhecimento com a cultura e as ações políticas, um diálogo que atua como uma ação que prima por um outro paradigma, uma educação anti-racista que rompe com o currículo e as epistemologias impostas. Educação que objetiva ensinar a pensar, criar “a alegria de pensar” (Rubem Braga).

Várias imagens vêm e vão, como estrelas, pequenas estrelas.
 Você terá de unir essas imagens, para poder fazer algum sentido delas.
 (SOMÉ, 2003, p.13)

ⁱ Mestranda em Educação – Universidade Federal da Bahia (UFBA), bolsista cappes. Pesquisadora na linha de pesquisa *Achei (Africanidades, Corpo, História, Educação e (In)Formação)* do grupo de pesquisa Redpect e pesquisadora do grupo de pesquisa *Griô: Culturas Populares, Diáspora Africana e Educação*, ambos da Ufba. Email: adilmachado@yahoo.com.br.

ⁱⁱ Ananse possui vários nomes, exemplo: no norte do Togo com os povos kabides ele é chamado de Andjau, lá é masculino, é herói e pode possuir todas as qualidades e defeitos, alternadamente. (Vide: Pinguilly, 2005).

ⁱⁱⁱ Grifo do Autor.

^{iv} Refiro-me às etnias que constituem nosso país, etnias que formaram nosso povo. Faço destaque à etnia africana / afrobrasileira.

^v O modelo de educação europeia impõe padrões que estão desvinculados com nossa realidade, que estão desvinculados com a realidade étnica do nosso país.

^{vi} O Movimento Social Negro é o principal protagonista dessa história, é quem mais acumulou conhecimento, agiu e interviu na sociedade brasileira.

^{vii} Artigo “A condição negra e a condição Pós Colonial” apresentado no IV Colóquio Internacional Saberes e Práticas: tecnologias e processos de difusão do conhecimento, Salvador, 2010.

^{viii} É bem verdade que essa hora chegou há muito tempo, chegou com os africanos que vieram escravizados.

^{ix} Há todo um cabedal de reflexão, de conhecimento, tecnologias de metalurgia e mineração, agricultura e criação de gado, matemática, engenharia, astronomia, ciência e medicina com origem na África. Indico a leitura do artigo “Filosofia Africana e Currículo” e “Linguagem e Identidade Africana e Afrobrasileira” de minha autoria.

^x Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Apresentação.

^{xixi} Diversidade é identidade, também, pois a identidade é um conjunto, um jogo de interações e diferenças que se dá em contato com o outro, ou seja, em relações de alteridade.

REFERÊNCIAS:

ACHEBE, Chinua. **O mundo se despedaça**. Tradução de Vera Queiroz da Costa e Silva. – São Paulo: Ática, 1983. (Coleção de Autores Africanos; 17).

APPIAH, Kwame Anthony. **“A invenção da África”**. In: Na casa do meu pai: a África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel, o menino fula**. São Paulo: Palas Athenas: Casa das Áfricas, 2003.

_____. A tradição viva. **In: História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo**. – 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. – (Coleção primeiros passos; 20).

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Tradução: Dinah Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CUNHA JR. Henrique. **História e Cultura Africana e os Elementos para uma organização Curricular**. Fortaleza, Mimeo, S/d.

Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639 / 03/ Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 12^a. Ed. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

_____, **Pedagogia do Oprimido**. 17^a. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. Educação Cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org.). **Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

MACHADO, Adilbênia Freire. Filosofia Africana e Currículo: Aproximações. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação**, Brasília, Vol.0, N.18, maio de 2012a. Disponível em: <http://seer.bce.unb.br/index.php/resafe/article/view/7027/5552>

_____. Linguagem e Identidade Africana e Afrobrasileira. **Fólio – Revista de Letras**, Vitória da Conquista, Vol.3, N.2, 2012b. Disponível em: <http://periodicos.uesb.br/index.php/folio/article/viewFile/619/772>

MAZRUI, Ali A.; AJAYI, J.F. Tendências da Filosofia e da Ciência na África. In: **História Geral da África, VIII: África desde 1935**. Editado por Ali A. Mazrui. 2.ed.rev. – Brasília: Unesco, 2010.

MIRANDA, Eraldo. **O dia em que Ananse espalhou a sabedoria pelo mundo**. 1ª Edição, São Paulo: Elementar, 2008.

OLIVEIRA, David Eduardo de. Educar o Brasil com Raça. In: GOMES, Ana Beatriz Souza (Org.); CUNHA JR, Henrique; GOMES, Ana Beatriz Souza (Orgs.). **Educação e Afrodescendência no Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

_____. **Filosofia da ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.

_____. **Cosmovisão africana no Brasil**: elementos para uma filosofia afrodescendente. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2006.

Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnicorraciais e para o ensino de História e Cultura Afro-brasileira e africana. MEC / Secretaria Especial de Políticas e Promoção de Igualdade Racial. Brasília, Petry Gráfica e Editora Ltda, 2009.

PETROVICH, Carlos. MACHADO, Vanda. **Irê Ayó: Mitos Afro-brasileiros**. Salvador: EDUFBA, 2004.

PINGUILLY, Yves. **Contos e Lendas da África**. Ilustrações de Cathy Millet; tradução de Eduardo Brandão. – São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ROSA, Allan Santos da. **Imaginário, Corpo e Caneta: Matriz Afro-Brasileira em Educação de Jovens e Adulto**. São Paulo: FEUSP, 2009 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://www.edicoestoro.net/attachments/059_Imagin%C3%A1rio,%20Corpo%20e%20Caneta.pdf. Visitado em 02 de Julho de 2011.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**: por um conceito de cultura no Brasil. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1983.

SOMÉ, Sobonfu. **O Espírito da Intimidade**: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos. São Paulo: Odysseus Editora, 2003.

SOUZA, Marina de Mello e. **África e Brasil Africano**. São Paulo, Editora Ática, 2ª ed, 2007.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: **História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / Editado por Joseph Ki-Zerbo**. – 2.ed.rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

Vídeo: BRAGA, Rubem. **A escola ideal – o papel do professor.** Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=qjyNv42g2XU>. Acesso em 25 de maio de 2012.